

# Um ensaio teórico sobre a estabilidade de grandes construções espirituais

Alexandre Fontes da Fonseca<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Campinas, SP

e-mail: <sup>1</sup> [a.f.fonseca@bol.com.br](mailto:a.f.fonseca@bol.com.br)

Recebido em 24 de Fevereiro de 2023 e publicado em 20 de Agosto de 2023.

## RESUMO

Há no meio espírita atual, uma importante controvérsia a respeito da existência, manutenção e estabilidade das chamadas *colônias* ou *cidades espirituais*. O estímulo crescente ao estudo dos fundamentos da Doutrina Espírita incentivou o exercício da fé raciocinada, isto é, da verificação da coerência doutrinária e científica de estudos e práticas espíritas, incluindo os ditados mediúnicos novos e antigos. Há, pelo menos, dois impasses que precisam ser resolvidos ou esclarecidos para haver aceitação completa do conceito de *cidades espirituais*. Um deles diz respeito ao conceito de “cidade” e “ambiente urbano”. Uma “cidade” não é apenas um aglomerado de pessoas, casas e construções.

As diferenças entre as naturezas da vida encarnada e desencarnada prevê conceitos diferentes para a organização social de encarnados e desencarnados. O outro impasse envolve a questão da brevidade dos objetos criados fluidicamente. Segundo a Doutrina, assim como são facilmente criados pela ação do pensamento e da vontade dos Espíritos, os objetos fluídicos facilmente se desfazem quando deixam de pensar neles. Isso, segundo alguns, impediria a existência de grandes construções espirituais que formariam tais cidades. Este artigo se propõe a tratar e propor uma solução para o segundo impasse. Apresento um ensaio teórico que explica, de modo coerente com a Doutrina e com descobertas recentes da Psicologia e Neurociência sobre *atividades mentais inconscientes*, a *estabilidade temporal* de estruturas fluídicas tão complexas quanto prédios e construções similares às que são descritas em obras mediúnicas. Mostro que *processos mentais* ou *pensamentos* inconscientes dos Espíritos seriam capazes de manter e estabilizar as construções espirituais nas quais se sentem bem e seguros. Embora o presente ensaio solucione este impasse, ele não soluciona o primeiro, isto é, ele não dá suporte para interpretações funcionais dessas construções como, por exemplo, casas fluídicas para abrigar os Espíritos das intempéries, camas e mobiliários necessários ao descanso ou lazer dos Espíritos, automóveis para locomoção dos Espíritos, jardins com atividade biológica similar à das plantas materiais, alimentação fluídica similar à material, etc.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construções espirituais; criação fluídica; *pensamento inconsciente*; *processos mentais inconscientes*; ação do pensamento e da vontade.

COMO CITAR: A. F. da Fonseca, *JEE* 11, 010207 (2023). DOI: [10.22568/jee.v11.artn.010207](https://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010207).

COMO DIVULGAR: Compartilhe este link: <http://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010207>.



## I INTRODUÇÃO

Obras como *Nosso Lar* (Xavier, 2003) e *E A Vida Continua* (Xavier, 1991), do autor espiritual André Luiz (AL), recebidas pela psicografia do médium Francisco C. Xavier, se tornaram muito conhecidas na 2ª metade do século findo. Elas apresentaram ao movimento espírita descrições narradas em primeira ou terceira pessoa, do que um Espírito encontra, vê e percebe do mundo espiritual após a desencarnação. Descrições do trabalho dos bons Espíritos, do acolhimento fraterno, da forma como os Espíritos relacionam-se entre si e com os encar-

nados, de como recebem e auxiliam os recém desencarnados, enterneceram e consolaram muitas pessoas, despertando, inclusive, em leitores que não eram espíritas, o interesse em conhecer e se dedicar ao espiritismo. Em particular, os adeptos espíritas desenvolveram apreço e bastante confiança nas obras de AL<sup>1</sup>. Na Pesquisa para Espíritas de 2020, por exemplo, realizada por Ivan Franzolin, a obra *Nosso Lar* foi marcada como a terceira mais lida e mais importante para os participantes da pesquisa, abaixo apenas de *O Livro dos Espíritos* (LE) e *Paulo e Estevão*, e, infelizmente, acima de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (ESE)<sup>2</sup>. Recentemente, em uma pes-

<sup>1</sup> Veja, por exemplo, a percentagem de concordância com AL dentre os que participaram da pesquisa para espíritas de 2015, de Ivan Franzolin, acesso nesse [link](#). Acessado em 20-02-2023.

<sup>2</sup> Acesse a questão dos 30 livros mais citados neste [link](#).



quisa realizada com um grupo de dirigentes espíritas, **Milani Filho (2022)** constatou que 39,1% dos respondentes afirmaram aceitar *a priori*, isto é, sem análise, informações dos autores espirituais AL e Emmanuel.

Entretanto, esse elevado grau de aceitação das obras de AL não significa que não haja questionamentos e controvérsias em torno dos conteúdos de suas obras. **Bas-tone (2003)** apontou erros científicos nas obras *Evolução em Dois Mundos* (**Xavier & Vieira, 1989**) e *Mecanismos da Mediunidade* (**Xavier & Vieira, 1990**). **Aleixo (2010)** apresentou vários argumentos embasados em Kardec que contestam a possibilidade de existência de cidades espirituais como descrito em *Nosso Lar*, bem como outros detalhes descritos na obra. **Laporte & Da Fonseca (2019)** analisaram a definição e descrição do conceito de centros de força de duas obras de AL e concluíram que esse conceito, pelo menos na forma como apresentado por ele, não é coerente com a Doutrina Espírita (DE). Há, inclusive, uma dissertação de Mestrado sobre controvérsias em torno da obra *Nosso Lar* (**Vidal, 2014**), que mostra e discute o pensamento de vários estudiosos espíritas que criticaram essa obra.

Há, também, por outro lado, estudiosos espíritas que apresentam conclusões mais positivas em termos da existência de coerência doutrinária e/ou científica de alguns conceitos presentes nas obras de AL. **Malta (2014)**, em contraponto a **Aleixo (2010)**, propôs uma análise doutrinária sobre como o pensamento e a vontade construiriam e manteriam colônias fluídicas/espirituais, apresentando argumentos com base na DE. **Neto Sobrinho (2015)** publicou um livro contendo extensa lista de citações tanto da *Revista Espírita* de Kardec quanto de outros autores, diferentes de AL, que descreveram construções no mundo espiritual, buscando oferecer elementos para analisar a questão de forma o mais próxima possível do critério do Consenso Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE). Em dois trabalhos, **Da Fonseca (2016, 2017)** apresenta, em linguagem acessível ao leitor leigo em ciência, os conceitos de Física moderna empregadas por AL na obra *Mecanismos da Mediunidade*, visando auxiliar na compreensão das analogias doutrinárias propostas por ele. **Da Fonseca (2022)** apresentou no 16º ENLIHPE<sup>3</sup> um trabalho que mostra que, embora incompleta em termos de conceitos doutrinários, há coerência doutrinária na proposta de AL para os *Mecanismos da Mediunidade* (**Xavier & Vieira, 1990**). No ano seguinte, no 17º ENLIHPE, **De Paula & Da Fonseca (2022)** mostraram a coerência doutrinária do conteúdo do capítulo 12 da obra *Nos Domínios da Mediunidade* (**Xavier, 1993**).

Em termos de coerência científica, podemos citar dois trabalhos significativos. Um deles é de **Luchetti et al. (2013)** que mostra que alguns comentários de AL sobre a glândula pineal e a melatonina foram descobertos e confirmados, anos depois, pela Ciência. Em contrapartida, **Bastos et al. (2020)** tentaram mostrar, sem sucesso,

a existência de alguma correlação entre a glândula pineal e a mediunidade.

Há dois grandes impasses para a aceitação do conceito de existência de cidades espirituais conforme descritas em obras mediúnicas como *Nosso Lar*. Um deles é a questão do conceito de “cidade”. **Sandra Lencioni (2009)** explica a não-trivialidade do conceito que sofreu bastante mudanças do século XIX pra cá (**Vasconcelos, 2015**). Os conceitos em torno da concepção de “cidade” vão desde os mais simples como haver relação entre o homem e o meio, o conceito de “aglomeração durável”, até conceitos mais complexos como a existência de “mercados”, “administração pública”, “determinações sociais”, “história”, etc (**Lencioni, 2009**). Para se ter uma ideia de que o conceito de cidade não pode ser confundido com a mera aglomeração de pessoas ou, ainda, de construções, dois exemplos de aglomerações que não são chamados de cidades, dados por **Lencioni**, são os assentamentos de grupos de pessoas em determinada área rural e as aldeias indígenas. Por mais que esses agrupamentos representem moradias para certos grupos de pessoas, o conceito de cidade é algo ainda mais amplo. E, sequer mencionei o conceito de ambiente “urbano” que é tratado conjuntamente com o de “cidade” nesses estudos.

É dentro do conceito mais amplo de “cidade”, que as questões funcionais presentes em uma cidade são analisadas. Uma cidade requer, como citado acima, a existência de “mercados” e “administração pública”. Requer também sistemas de transporte, de fornecimento de energia, de água, etc. pois as mercadorias e serviços necessários para a manutenção da vida das pessoas que residem nas cidades, não podem ser supridos por cada lar de modo independente. Esse tema é, portanto, um importante impasse sobre a questão da existência de cidades ou colônias espirituais, pois as necessidades dos Espíritos desencarnados são diferentes das dos encarnados. Porém, este impasse não será tratado no presente artigo. Trataremos do segundo impasse descrito a seguir.

O segundo impasse é a questão da manutenção e estabilidade das construções que formariam cidades ou colônias espirituais. Em que pese a importância dos argumentos contrários de **Aleixo (2010)** e de outros adeptos espíritas que citam, por exemplo, a questão 1017 do LE (**Kardec, 1995**) e a descrição do “Quadro da Vida Espírita” contido na *Revista Espírita* de 1859, há um argumento doutrinário que talvez seja o mais difícil de se conciliar com a ideia de haver e se manterem construções espirituais de largo porte. Esse argumento sozinho é capaz de destruir a racionalidade em torno da manutenção e estabilidade de colônias espirituais. Ele está contido na parte grifada da seguinte afirmação de **Kardec (2021)** no item 14 do cap. XIV de *A Gênese*<sup>4</sup> (GE):

Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito quanto seriam no estado material para o homem en-

<sup>3</sup> LIHPE é a sigla da Liga de Pesquisadores do Espiritismo: [https://ccdpe.org.br/https-ccdpe-org-br-https-ccdpe-org-br-page\\_id3064/](https://ccdpe.org.br/https-ccdpe-org-br-https-ccdpe-org-br-page_id3064/). Acessado em 20-02-2023.

<sup>4</sup> Neste artigo, usamos a 4ª edição da obra *A Gênese* (**Kardec, 2021**) e, portanto, a numeração de itens dos capítulos citados podem não corresponder aos de outras edições.



carnado; mas, pela razão de serem criados pelo pensamento, **a existência deles é tão efêmera quanto ele.** (Grifos meus).

Embora na primeira parte da citação acima, Kardec deixa claro que construções espirituais causam a mesma sensação de realidade que os objetos materiais causam nos encarnados, na parte seguinte ele apresenta a maior dificuldade para aceitação da ideia da existência, manutenção e estabilidade de grandes construções espirituais. A ordem de grandeza dessa estabilidade no tempo, conforme as obras mediúnicas, não é de horas ou dias, mas de anos, décadas ou mais. Que elas, as construções, podem ser criadas pelo pensamento e vontade dos Espíritos, disso não há dúvida. Que existem Espíritos elevados o bastante e, portanto, capazes de criar estruturas do porte de uma cidade, disso não há dúvida. Que essas construções causariam impressão de realidade similar às construções do mundo material, disso não há dúvidas. Mas quanto tempo dura uma criação fluídica sem que o(s) Espírito(s) tenha(m) que permanecer pensando na mesma? Os Espíritos não entraram nesse detalhe nas obras de Kardec. Apenas se pode inferir das explicações contidas no cap. XIV da GE, que em mantendo-se determinado tipo de pensamentos, mantém-se a modificação *impresa* ou *impregnada* em determinado *tipo* ou *porção* de fluidos espirituais. Isso gera o seguinte questionamento:

*Para manter-se a estrutura de uma cidade inteira no mundo espiritual, teria que haver um ou mais Espíritos dedicados a permanecer 24h por dia pensando e mantendo o mesmo pensamento de estrutura da cidade?*

Essa ideia nos soa estranha e até insensata já que, por um lado, bons Espíritos não deveriam ficar imobilizados em seus pensamentos apenas para manter a forma material de uma construção fluídica. De outro lado, se essa função estivesse a cargo de Espíritos imperfeitos, por serem imperfeitos, não haveria garantia de estabilidade e qualidade na sua criação mental.

Não é válido, também, propor hipóteses que não tem respaldo doutrinário ou científico. Por exemplo, Malta (2014) propôs que pensamentos de Espíritos elevados seriam capazes de criar estruturas fluídicas permanentes, somente *por serem Espíritos elevados*. Embora seja sensato imaginar que os Espíritos elevados tenham algum poder maior que os menos elevados, infelizmente, com relação à criação fluídica, a ideia da criação deles ser mais duradoura ou permanente não passa de uma hipótese (uma especulação teórica), sem respaldo na própria Doutrina. Hipóteses até podem servir de motivação para avaliar outras hipóteses, mas nunca servirão como razão suficiente para tal. Se a existência de colônias espirituais e outras construções de grande porte é realidade, ela deve se basear em conceitos sólidos, isto é, em mecanismos cujo entendimento e explicação devem ser afirmados e comprovados pela DE e/ou, quando possível, pela Ciência. O desafio, portanto, é descobrir um mecanismo

que satisfaça essas condições.

Trabalhos como de Malta (2014) e, em particular, Neto Sobrinho (2015), foram bem recebidos pela parcela dos adeptos espíritas que acredita na existência e estabilidade de colônias no mundo espiritual. Eles sinalizam positivamente para a confirmação da existência das colônias. Embora a análise de Neto Sobrinho (2015) se aproxime dos critérios do CUEE, como Kardec assinala (ver abaixo), ainda falta um ingrediente para concluir-se de modo definitivo a favor ou contra a questão da existência e estabilidade de construções espirituais<sup>5</sup>. O trabalho de Malta (2014) poderia preencher esse ingrediente que Kardec sugere mas, como mencionado acima e analisado melhor adiante, ele carece de fundamentação científica e doutrinária de algumas de suas premissas. Além do mais, críticas como as que foram apresentadas por Aleixo (2010) e outros estudiosos (Vidal, 2014), com base na DE, são muito sérias e requerem esclarecimentos e contra-argumentação igualmente sólidas e embasadas na DE e na Ciência.

Sobre critérios de aceitação de novidades e assuntos controversos, notem que Kardec, na Introdução do ESE, destaca a importância do critério da razão ser aplicado **antes mesmo** do critério do CUEE. Embora não deixe de valorizar o critério do CUEE, Kardec (1996a) afirma que ele só ocorre para com questões envolvendo princípios da DE. Nas suas palavras:

Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita **aos princípios mesmos da doutrina** (Kardec, 1996a, Introdução, grifos meus).

A questão da existência ou não de colônias espirituais não é um princípio da DE. A existência de Deus é um princípio, a justiça divina é um princípio, a reencarnação é outro princípio, as leis naturais formam um conjunto de princípios, a existência de dois elementos gerais no universo é um princípio, a ação do pensamento e vontade sobre os fluidos é um princípio, o livre-arbítrio é um princípio, a lei de evolução é um princípio, etc. Mas, se os Espíritos se reúnem no mundo espiritual em construções fluídicas ou não, isso não é um princípio. Eles podem se reunir no espaço, sobre a superfície do nosso mundo ou de um planeta qualquer, como argumentado por Aleixo (2010) por exemplo, ou em ambientes fluídicos construídos pela mente dos Espíritos como está sendo analisado aqui. Mas, em que pese positivamente a existência de descrições de construções fluídicas recebidas através de médiuns diferentes e de lugares diferentes, sem uma explicação sobre os mecanismos através dos quais os princípios da DE expliquem a existência, manutenção e estabilidade dessas construções, a aceitação dessa questão/impasse ainda permanecerá em aberto. Aliás, quem sugere que uma explicação é necessária é o próprio Kardec (1868):

A opinião da maioria dos Espíritos é um poderoso controle para o valor dos princípios da Doutrina, **mas não exclui o do julgamento e da razão**, cujo uso sério todos os Espíritos recomendam. (Grifos meus).

<sup>5</sup> Lembrando que a aceitação definitiva do conceito de *idades espirituais* conforme descrito em obras mediúnicas como *Nosso Lar*, depende da análise dos dois impasses mencionados anteriormente. A presente análise foca apenas no segundo impasse.



Ou seja, não basta apenas termos a opinião da maioria dos Espíritos, é importante desenvolver uma análise racional dos princípios doutrinários em torno da questão em debate. Vou além em considerar que mesmo para questões que não sejam princípios da DE, como esta sobre a existência e estabilidade de construções espirituais, é importante não apenas termos o conhecimento da opinião de muitos Espíritos sobre o assunto, mas também uma explicação baseada no bom “*juízo e na razão*”. Afinal, a fé raciocinada pede isso.

Neste artigo, portanto, apresento uma proposta (um ensaio) de mecanismo psíquico através do qual é possível manter e estabilizar cidades, colônias ou construções de *grande porte* no mundo espiritual por tempo indeterminado. Essa proposta tem como base os fundamentos da DE e alguns conceitos científicos sobre *processos mentais inconscientes* e *pensamentos inconscientes* da Psicologia e Neurociência. A chave para o entendimento da questão está nos atributos de inteligência e capacidade de pensar do ser inteligente. Como a pesquisa em torno dos conceitos de *inconsciente*, *processos mentais*, *pensamentos inconscientes* do ser humano ainda estão avançando na própria Ciência, espera-se que mais detalhes possam ajudar a compreender como essa surpreendente capacidade psíquica do ser afeta sua influência sobre os fluidos espirituais. Em outras palavras, o presente ensaio pretende motivar espíritas especialistas em Filosofia, Psicologia e Neurociência a analisar, refutar, criticar ou confirmar, em parte ou em todo, sempre com fundamentação doutrinária e científica, esta proposta de mecanismos de existência e estabilidade de construções espirituais.

Este artigo está organizado da seguinte forma. Na seção II, apresento os fundamentos da DE em torno das propriedades dos fluidos e sua sensibilidade ao pensamento e vontade do ser inteligente, e alguns conceitos em torno do grau de consciência dos processos mentais e pensamentos humanos, conforme pesquisas mais atuais da ciência. Na seção III, apresento o ensaio teórico com base na DE e nos conceitos da seção anterior, para o mecanismo de manutenção e estabilidade de construções fluídicas de grande porte. Por fim, na seção IV, concluo o estudo.

## II FUNDAMENTOS DA DOCTRINA ESPÍRITA E A QUESTÃO DA EXISTÊNCIA DE PENSAMENTOS INCONSCIENTES

Como um dos princípios da DE é o fluido universal (FU) se modificar pela ação do pensamento e da vontade (item 14 do cap. XIV da GE), uma teoria sobre a manutenção e estabilidade de construções de grande porte no mundo espiritual requer o entendimento sobre como eles, o pensamento e a vontade, humanas ocorrem.

Questões como o que é a *consciência*, são das mais complexas e sem resposta satisfatória ainda<sup>6</sup>. Porém,

<sup>6</sup> Veja a recente notícia sobre o insucesso de uma aposta feita 25 anos atrás sobre a ciência conseguir descrever e explicar a consciência (Lenharo, 2023).

<sup>7</sup> Veja o artigo recente de Da Fonseca (2023) para uma explicação sobre imponderabilidade.

existem diversos modelos e teorias sobre a *consciência* (Seth & Bayne, 2022), o inconsciente humano (Dijksterhuis & Nordgren, 2006; Dienes & Seth, 2022) e suas consequências sobre seu pensamento, vontade e ações. Apresento aqui algumas referências que mostram a existência de *processos mentais inconscientes* que servirão de base à presente proposta de ensaio teórico de manutenção de construções espirituais. No futuro, novos desdobramentos deste estudo poderão citar modelos específicos ou mesmo compará-los com o que se espera da capacidade mental dos Espíritos desencarnados.

A seguir, apresento um resumo dos principais fundamentos da DE em torno do pensamento e da ação do mesmo sobre os fluidos, seguido de alguns conceitos e fundamentos sobre o pensamento humano e processos mentais, com foco particular no conceito recente de *pensamento inconsciente* ou *processo mental inconsciente*. Apresentarei, também, uma justificativa para considerar as definições de pensamento dos filósofos ao invés da Psicologia por identificar nas primeiras uma maior afinidade com uma propriedade espírita para a ação dos pensamentos sobre os fluidos.

### II.1 Fundamentos da Doutrina Espírita

*Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção, outras, são o produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense em uma coisa, para que ela seja feita. (Kardec, 2021, item 14, cap. XIV, grifos meus).*

O capítulo XIV da obra *A Gênese* (GE) de Kardec (2021) apresenta em detalhes os fundamentos espíritas sobre os fluidos, fluido universal (FU) e fluidos espirituais, bem como suas propriedades. No item 2 deste capítulo, por exemplo, Kardec define o FU ou fluido cósmico universal como sendo:

(...) a matéria elementar primitiva, **cujas modificações e transformações** constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. (Grifos meus).

De natureza imponderável<sup>7</sup>, os fluidos e suas modificações, segundo Kardec (item 3 do cap. XIV da GE),

**constituem fluidos distintos** que, embora procedendo do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e **dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível**. (Grifos meus).

Os fluidos espirituais tem papel importantíssimo nos fenômenos do mundo invisível, que é o mundo espiritual. Ainda no item 3 do cap. XIV da referida obra, Kardec deixa claro que:

Tudo sendo relativo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, **uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para**



**os encarnados e são, para eles, o que para nós são as substâncias do mundo terrestre (...).** (Grifos meus).

Essa última afirmação deixa claro que a sensação que os Espíritos podem ter dos objetos fluídicos é similar à sensação que tiveram dos objetos materiais quando encarnados. Assim, a visualização de uma construção de grande porte no mundo espiritual, gerará sensação similar àquela que temos quando vemos construções de grande porte no mundo material. Quanto maior for o apego de um Espírito às coisas materiais, maior será a sensação de familiaridade quando ele(a) ver construções similares às que via quando encarnado. A diferença fica por conta da forma como os Espíritos manipulam e atuam sobre os fluidos. Kardec esclarece isso no item 14 do capítulo XIV de GE:

Os Espíritos **atuam sobre os fluidos espirituais**, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas **com o auxílio do pensamento e da vontade**, que são para o Espírito o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem no fluido essa ou aquela direção, eles os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos **que apresentam uma aparência, uma forma, uma cor determinada;** (...). (Grifos meus).

Como dito anteriormente, o ponto considerado o mais delicado nessa análise sobre manutenção e estabilidade de colônias espirituais é o que Kardec comenta no final do item 14 do cap. XIV da GE:

Esses objetos fluídicos são **tão reais** para o Espírito quanto seriam no estado material para o homem encarnado; mas, **pela razão de serem criados pelo pensamento, a existência deles é tão efêmera quanto ele.** (Grifos meus).

Além de reafirmar a similaridade entre a sensação de um desencarnado perante objetos fluídicos e a sensação de um encarnado perante objetos materiais, Kardec deixa claro o grau de sensibilidade dos fluidos à ação do pensamento e da vontade. Não apenas basta que um Espírito pense em algo para o FU ao seu redor tomar forma e adquirir qualidades correspondentes a esse pensamento mas, também, que ele mantenha esse pensamento para igualmente manter essa modificação. Isso pois, como Kardec disse acima, basta que o Espírito deixe de pensar nesse algo para deixar de atuar sobre os fluidos que estavam sendo modificados por esse pensamento. Dizendo a mesma coisa de outra forma, a afirmação de que a existência dos fluidos espirituais modificados *é tão efêmera quanto* os pensamentos que os criaram, significa que a modificação desses fluidos perdura o mesmo tempo que esses pensamentos, que a existência dos mesmos é condicionada a dos pensamentos que os criaram/modificaram.

Qualquer proposta teórica para descrição ou explicação da existência de construções espirituais tem que ser capaz de *satisfazer* a condição acima, bem como, as demais propriedades dos fluidos.

<sup>8</sup> “O perispírito (...) é uma condensação desse fluido [fluido cósmico] em torno de um foco de inteligência ou alma.” (Kardec, 2021, item 7, cap. XIV).

Há ainda um importante fundamento do Espiritismo que precisa ser citado. No capítulo XI de *A Gênese*, Kardec (2021), ao discutir sobre a origem do princípio espiritual, no item 6, diz:

**Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria**, chega-se, remontando dos efeitos à causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constituintes do universo. (Grifos meus).

Ou seja, a Doutrina Espírita parte do princípio que os atributos de inteligência são do princípio inteligente (PI) individualizado e não da matéria. Aliás, a resposta à questão 24 do LE diz exatamente isso:

**A inteligência é um atributo essencial do espírito.** Uma e outro, porém, se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa. (Grifos meus).

Essa ideia é confirmada também na resposta dos Espíritos à questão 72a do LE. É, também digno de nota citar a nota de rodapé número 76 contida no final do item 2 do cap. XIV de *A Gênese*, na qual Kardec (2021) diz:

76 Nota de Allan Kardec: A denominação de fenômeno psíquico representa mais exatamente o que se pensa sobre o fenômeno espiritual, considerando o fato que esses fenômenos **repousam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou melhor, dos fluidos perispirituais, que são inseparáveis da alma.** Essa qualificação os prende mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por suas leis. Se pode, então, **admiti-los como efeitos psíquicos**, sem os considerar como milagre. (Grifos em negrito, meus, em itálico, originais).

Este comentário de Kardec é muito interessante pois, para ele, o fenômeno psíquico, além de repousar (isto é, ter como causa) nos atributos da alma (do ser inteligente), ele ainda os associa aos fluidos perispirituais que são inseparáveis da alma. São inseparáveis da alma porque são sensíveis ao pensamento e a alma sempre está pensando<sup>8</sup>. No *caput* desta subseção, citamos Kardec mencionando que os fluidos espirituais são sensíveis, também, a *pensamentos inconscientes*. Certamente que esse conceito de pensamentos inconscientes na época de Kardec é diferente do que se tem hoje, mas indica que Kardec também considera que aquilo que a gente não tem consciência, também é capaz de atuar sobre os fluidos, impregnando-os.

## II.2 Conceito filosófico de pensamento e a Doutrina Espírita

“Penso, logo existo.” (Descartes, 1970).

Nesta subseção, pretendo descrever brevemente o conceito de *pensamento* de alguns importantes filósofos. Em *Metaphysical Meditations* (1641), René Descartes (1596-1650) considera que “coisas” como raciocínios, questões, dúvidas, emoções, sentimento e desejos, bem como as



percepções baseadas nos sentidos (cores, sabores, cheiros, formas, etc.) são “pensamentos”. Outro filósofo importante é John Locke (1632-1704). Em *Essay concerning Human Understanding* (1690), Lock também considerou que as mesmas “coisas” acima são “pensamentos” ou “ideias”, e as distinguiu entre “*ideias de reflexão*”, como os raciocínios e sentimentos (tristeza, alegria, por exemplo), e “*ideias de sensação*”, como as percepções.

Há quem considere que os pensamentos sejam apenas o que os filósofos acima chamaram de *ideias de reflexão*, isto é, pensamentos seriam apenas os raciocínios lógicos. Porém, o conceito filosófico completo de pensamento como sendo formado por ambas as *idéias de reflexão* e de *sensação*, expresso no parágrafo anterior, pode ser melhor relacionado ao conceito de *pensamento* da Doutrina Espírita. Isso decorre da forma como a Doutrina descreve a sensibilidade do FU aos pensamentos e vontades. No item 15 do capítulo XIV da obra *A Gênese*, Kardec deixa claro que “*é evidente que eles [os fluidos espirituais] devem estar impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os fazem vibrar, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos.*” (Grifos meus). Se os pensamentos, na visão da Doutrina Espírita, fossem apenas os raciocínios do tipo lógico, eles não conteriam *qualidades* que só os sentimentos e emoções são capazes de dar. Se considerarmos essas qualidades desde a que Espíritos mais apegados à matéria possuem até as dos mais elevados de “graus de pureza” ou “impureza” de um sentimento, conclui-se que esse grau não existe para um raciocínio puramente lógico. Assim, quando Kardec ou os Espíritos falam em “pensamentos” no contexto da Doutrina Espírita, percebe-se todos os elementos que Descartes e Lock consideravam como pensamentos e ideias.

Neste trabalho, considero como *pensamentos*, os mesmos itens considerados por Descartes e Lock.

### II.3 Existência de pensamentos inconscientes

“... a ideia de que nós vivemos em uma alucinação **controlada** e de que nossas experiências do mundo não nos dão, diretamente, um acesso irrestrito ao que quer que esteja lá fora. A teoria em neurociência aqui é de que **o cérebro está continuamente gerando previsões sobre o que nos cerca.**”<sup>9</sup> (Cooke, 2023, Grifos meus).

A concepção mais comum de *pensamento* é de ser um processo mental *consciente* como o raciocínio, a resolução de problemas, o esforço de imaginação, etc. [Wikipedia \(2023a\)](#). Essa ideia, segundo [Burgarelli & Santos \(2018\)](#), tem origem em [Descartes](#), quando afirmou: “*penso, logo existo*”, embora a discussão anterior de que os pensamentos em [Descartes](#) e [Lock](#) envolvem mais que apenas raciocínio e lógica. Ou seja, a visão cartesiana do pensamento

envolve ter consciência do mesmo. São várias as disciplinas científicas e acadêmicas que abordam a questão sobre o *pensamento* e a referência da [Wikipedia \(2023a\)](#) acima cita algumas como, por exemplo, a Psicologia Cognitiva que analisa o processamento de informação na mente humana, a Psicanálise que analisa como aspectos do chamado *inconsciente* determinam comportamentos e perfis psicológicos das pessoas, a própria Filosofia que a define em termos das experiências internas do ser pensante, etc.

Um dos nomes mais conhecidos no estudo da mente humana é Sigmund Freud (1856-1939). Curiosamente, de acordo com [Caropreso \(2003\)](#); [Baratto \(2009\)](#), Freud passou por fases de entendimento distintas sobre o pensamento e a consciência. Segundo eles, Freud inicialmente acreditava que os processos mentais eram todos conscientes, isto é, só existiam pensamentos *conscientes*. Ao longo do tempo e com base na análise de casos patológicos, ele foi se convencendo da existência do *inconsciente*. A estrutura conceitual da mente humana, segundo Freud, é um pouco complexa. Ele propôs uma divisão da mente em três partes: a mente consciente ou *ego*, a consciência<sup>10</sup> ou *superego*, e os instintos ou *id*. Essas três partes interagem o tempo todo na determinação da personalidade e sua *vontade*, bem como tem papel relevante nas patologias psíquicas de uma pessoa. Apesar de resumida, a descrição sobre o *inconsciente* da [Wikipedia \(2023b\)](#) (versão em inglês) é um bom começo para quem deseja se aprofundar no assunto.

Embora a ideia de *pensamento inconsciente* já estivesse na mente dos filósofos da antiguidade como Aristóteles, Platão e Plotino, por exemplo, ([Hendrix, 2022](#)), no último século, cientistas de várias áreas tem buscado desenvolver métodos empíricos para identificar e quantificar a sua existência. A Psicologia e a Neurociência já trabalham a décadas com conceitos de *memória inconsciente*, *percepções inconscientes*, *conhecimento inconsciente* e estuda-se, até mesmo, os conceitos de *intenções* e *atitudes inconscientes* ([Dienes & Seth, 2022](#)). É certo que os cientistas trabalham com conceitos distintos como o de *estados mentais*, distinguindo-os entre *estados mentais conscientes* dos *inconscientes*, assim como com o conceito de *processos mentais*, existindo os processos *conscientes* e *inconscientes*. A distinção é compreensível ao leitor, isto é, estados ou processos mentais *conscientes* são aqueles que a pessoa tem consciência que os tem ou sente. Já os *inconscientes* ocorrem sem que a pessoa tenha noção dos mesmos, o que, naturalmente, apresenta um desafio aos que desejam mensurar tais estados ou processos ([Seth & Bayne, 2022](#)). As teorias da mente e, em particular, da relação mente-cérebro, entretanto, são diversas ([Seth & Bayne, 2022](#); [Augusto, 2023](#)), o que mostra que esse tema de pesquisa é bastante atual.

[Dienes & Seth \(2022\)](#) mostram exemplos de experimentos que buscam detectar quando *processos inconscientes* ocorrem na mente das pessoas. Vamos citar o

<sup>9</sup> Trecho original: “... the idea that we live in a controlled hallucination and that our experiences of the world don't give us direct, unfettered access to whatever's out there. The neuroscience theory here is that the brain is continually generating predictions about our surroundings.” ([Cooke, 2023](#)).

<sup>10</sup> A palavra *consciência* aqui deve ser entendida no sentido de valores éticos e/ou morais da pessoa, isto é, do certo e errado.



termo “aprendizado implícito”, proposto em 1967, que significa a “*a aquisição de conhecimento inconsciente sobre a estrutura do ambiente*” (Dienes & Seth, 2022)<sup>11</sup>. Eles também mostram que a prática conhecida da hipnose permite insuflar nas pessoas que participam dos experimentos, *intenções inconscientes*. Isto é, elas realizam ações mas pensam que não tiveram a intenção de realizá-las. Experimentos com imagens subliminares também mostram como uma pessoa pode adquirir informação ou conhecimento de modo inconsciente.

Em 2004, Dijksterhuis propôs uma teoria do *pensamento inconsciente*. Baseado em experimentos psicológicos de tomada de decisão, ele mostra que embora (e de acordo com a opinião geral) as decisões sobre questões simples são tomadas da melhor forma possível através de pensamentos *conscientes*, contraintuitivamente, decisões complexas são melhor tomadas quando feitas com base em *pensamentos inconscientes*. Os conceitos de pensamento *consciente* e *inconsciente* foram definidos da seguinte forma (Dijksterhuis & Nordgren, 2006). O primeiro pode ser entendido como um processo de pensamento cognitivo ou afetivo, do tipo *objeto-relevante* ou *tarefa-relevante*, que ocorre com atenção ou foco consciente. O *pensamento inconsciente*, segundo os autores, seria um processo de pensamento cognitivo ou afetivo, também do tipo objeto-relevante ou tarefa-relevante, mas que ocorre enquanto a atenção ou foco consciente está direcionado para outras coisas. Um exemplo dado pelos autores é a escolha da compra de uma casa nova, dentre opções diferentes com vantagens e atrativos diferentes, perante a mudança de emprego ou cidade. Em experimentos realizados pelos autores com pessoas que buscavam escolher a compra de uma casa, a satisfação com a escolha foi maior em algo em torno de 12 pontos percentuais para os que adotaram o *pensamento inconsciente* em relação aos que escolheram com base em *pensamentos conscientes*. A ideia é que, diante da necessidade de uma decisão difícil e mais complexa, ao direcionar a atenção para outros afazeres, a mente trabalharia na análise das opções de modo inconsciente e de maneira mais eficiente para, posteriormente, sugerir à consciência a melhor escolha.

Desde então, diversos trabalhos científicos tem sido publicados em favor (Abadie, Waroquier & Terrier, 2013; Li, Zhu & Yang, 2014; Tu *et al.*, 2021; Li *et al.*, 2022) e em desfavor (González-Vallejo *et al.*, 2008; Huizenga *et al.*, 2012; Woolley, Kostopoulou & Delaney, 2016) dessa teoria do pensamento inconsciente de Dijksterhuis & Nordgren<sup>12</sup>.

O interesse aqui, é mostrar que a Ciência tem levado muito a sério a existência de *processos mentais* ou *pensamentos inconscientes*. Para alguns, a ideia da mente, de modo inconsciente, ser capaz de criar pensamentos, imagens, percepções e intenções/vontades a respeito do mundo que nos cerca pode parecer estranha. Embora os cientistas materialistas tentem descrever isso em termos

apenas materiais, um ponto importante é perceber que ela, a Ciência, já reconhece esse conjunto de capacidades especiais e contraintuitivas da mente/psiquê humana. Um exemplo recente é a seguinte afirmação do neurocientista Anil Seth (já citada no *caput* desta subseção) em entrevista concedida para a revista *Nature* (Cooke, 2023):

... a ideia de que nós vivemos em uma alucinação **controlada** e de que nossas experiências do mundo não nos dão, diretamente, um acesso irrestrito ao que quer que esteja lá fora. A teoria em neurociência aqui é de que **o cérebro está continuamente gerando previsões sobre o que nos cerca**. (Grifos meus).

Em outras palavras, a Ciência já apresenta a mente humana como capaz de interferir ou mesmo produzir pensamentos e ideias, mesmo que sem consciência desse processo. Enquanto os cientistas focam as causas desses *pensamentos inconscientes* no cérebro, o adepto espírita sabe, como citado em Kardec na subseção II.1, que os fenômenos psíquicos “*repousam sobre as propriedades e os atributos da alma*” (Kardec, 2021, nota de rodapé 76). Em vista disso, vou uniformizar, sem perda de generalidade, a terminologia a ser empregada aqui, chamando de “*pensamentos*” tudo o que ocorrer no íntimo da mente humana encarnada ou desencarnada, sejam eles *conscientes* ou *inconscientes*.

## II.4 A questão do prazer-desprazer e a vontade

A capacidade de processar informação de modo inconsciente foi estudada por Freud. Em particular, a questão do prazer se tornou relevante em sua teoria.

Para Freud, portanto, **os processos inconscientes estão subordinados ao princípio do prazer**, e seu destino dependerá de sua intensidade e do preenchimento dos requisitos necessários para a regulação de prazer-desprazer. (Burgarelli & Santos, 2018, Grifos meus).

Conforme analisou Burgarelli & Santos, esse princípio do prazer está na origem ou causa dos pensamentos *conscientes*.

Nisso, a questão do prazer-desprazer via estruturas da mente humana, de acordo com o arcabouço teórico freudiano, implica em uma outra questão que nos interessa: a *vontade* (lembre que o FU é sensível não só ao pensamento mas, também, à vontade). Nas palavras de Burgarelli & Santos (2018):

O **desejo** é, portanto, a representação mental investida a partir da percepção externa de determinado objeto pulsional, que em certo momento causou prazer e evitou desprazer. (Grifo meu).

A *vontade*, portanto, nasce de *processos mentais* envolvendo pensamentos *conscientes* e forças *inconscientes*.

<sup>11</sup> No original: “*the acquisition of unconscious knowledge about the structure of the environment*” (Dienes & Seth, 2022).

<sup>12</sup> Existem muitos outros artigos além dos citados aqui tanto a favor quanto contra a teoria do pensamento inconsciente. O pesquisador que tiver interesse maior pode usar termos como “unconscious thought” em base de dados como a *Web of Science* para encontrá-los. Evite citar mais artigos do Autor proponente da teoria para não enviesar a presente análise.



Inferem-se duas situações. Uma é a *vontade* ser consciente, mas que pode decorrer de processos mentais íntimos (inconscientes) que a Psicologia e a Neurociência estão tentando descrever em termos de novas estruturas teóricas envolvendo a mente e o cérebro (Seth & Bayne, 2022; Dienes & Seth, 2022). A outra situação é da pessoa não ter consciência da *vontade* o que seria equivalente ao conceito de *intenção* ou *atitude inconsciente* (Dienes & Seth, 2022) mencionada na seção II.3 anterior (veja também a questão dos efeitos da hipnose).

Em particular, um outro conceito importante em torno dos pensamentos humanos e relacionado à *vontade* é o de *convicção* sobre algo. Robert A. Burton (2018), em seu livro *Sobre Ter Certeza, Como a neurociência explica a convicção*, tece comentários que tem relação direta à presente proposta de estudo sobre criações fluidicas. Ao analisar o significado de *estar convencido de algo*, o autor busca em algumas patologias psíquicas, pistas para o entendimento desse importante tipo de pensamento.

Não é escopo desse estudo avaliar a precisão das ideias e (hipó)teses desse e de outros cientistas. Mas aproveitar os fatos que eles apresentam que servem de base para a análise que será apresentada aqui. Burton (2018), por exemplo, comenta o caso de um paciente esquizofrênico que dizia, aflito, que “*marcianos de três pernas grampearam secretamente o telefone dele e monitoram os seus pensamentos*” (Burton, 2018). Por mais que se explique a esse paciente que não existem tais marcianos, ele está convicto disso. Palavras e explicações lógicas não são suficientes para convencê-lo do contrário. Embora o cientista analise casos como esse com base no paradigma puramente material, o adepto espírita tem a seu dispor, os fundamentos contidos na teoria espírita para avaliar causas e/ou efeitos. Se, por qualquer razão, uma pessoa acredita com bastante força de vontade que marcianos de três pernas existem e são capazes de grampear nossos telefones, mentalmente essa pessoa criará fluidicamente esses seres e objetos. Essa criação terá forma, cor e vitalidade proporcionais à intensidade do pensamento e da *convicção* (que também é um pensamento) e perdurará pelo tempo em que a criatura acreditar com toda essa força de vontade no mesmo. Além do mais, tomando por base a questão apontada por Burgarelli & Santos dos *pensamentos inconscientes* que buscam maximizar o prazer e minimizar o desprazer/sofrimento, uma pessoa assim, mesmo que esteja com a atenção voltada para alguma outra atividade, terá *pensamentos inconscientes* de busca pela sua segurança contra os marcianos. Isto é, uma pessoa assim, permanecerá criando, modificando ou mantendo forma, cor e vitalidade dos fluidos criados por ele já que, conforme citado adiante, Kardec deixa claro que até mesmo os *pensamentos inconscientes* são capazes de criar fluidicamente.

## II.5 Evidências sugestivas de pensamentos inconscientes na Doutrina

“*Um avaro maneará ouro, um militar terá suas armas e seu uniforme,*

*um fumante, seu cachimbo, um lavrador, sua charrua e seus bois, uma mulher velha, sua roca.*” (Kardec, 2021, item 14, cap. XIV).

A literatura espírita contém estudos sobre a psicologia humana e sua relação com conceitos espíritas. Porém, fugiria do escopo do presente artigo, analisar o conteúdo ou mesmo a coerência doutrinária desses estudos. Aqui, nos interessa formar um embasamento da presente proposta de ensaio teórico da manutenção e estabilidade de construções espirituais nos conceitos fundamentais da DE e da ciência do pensamento. Há, na verdade, uma certa coerência entre algumas afirmações da DE e essas descobertas sobre *pensamentos inconscientes*. A questão 835 do LE, por exemplo, afirma que a consciência é um pensamento íntimo. Embora os cientistas da atualidade acreditem que os processos mentais emergem da complexa rede de neurônios, questões como 845, 846 e 847 do LE, sem descartar o efeito da matéria sobre a capacidade de manifestação do Espírito, indicam que há fatores que formam a bagagem espiritual do ser que, *inconscientemente*, o influenciam.

No capítulo sobre bicorporiedade e transfiguração, Kardec descreve o interessante caso de visão espiritual de uma senhora enferma, publicado no item 116 de *O Livro dos Médiuns* Kardec (1996b). Esse caso é conhecido no meio espírita pois consiste da visão espiritual da referida senhora de um senhor idoso que a visitou e velou em Espírito durante um período em que estava doente. Kardec destaca que o senhor idoso se apresentou com a mesma roupa e pertences (caixa de rapé, por exemplo) que possuía e utilizava normalmente em sua vida como encarnado. No item 119, Kardec descreve dois casos conhecidos da história eclesiástica de bicorporiedade. Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua são casos conhecidos de bicorporiedade. Este último é descrito com detalhes, onde Antonio de Pádua, enquanto pregava em Pádua na Itália, é visto se apresentar e defender o seu pai em Lisboa.

Esses e outros casos (vide os itens 116 em diante da referida obra), trazem consigo uma evidência sugestiva de ação *inconsciente* da mente ou do pensamento do Espírito. Em realizando as aparições com ou sem tangibilidade, os Espíritos das pessoas acima foram capazes de produzir com riquezas de detalhes, todas as partes do seu próprio corpo, da roupa e demais objetos que usam. Em particular, imaginem a aparição de Santo Antônio de Pádua. Ele foi visto tanto de frente quanto de costas pelos presentes à acusação de seu pai em Lisboa. A reflexão aqui é a seguinte: supondo que tenhamos uma boa ideia da nossa forma e imagem ao espelho (imagem frontal de nós mesmos), quem de nós teria com minúcias de detalhes, memória perfeita da forma como somos de costas? Se a criação de formas e objetos que o Espírito realiza pelo pensamento e vontade sobre os fluidos dependesse *apenas* de pensamentos conscientes, como teria sido possível ao Espírito de Antônio de Pádua, criar sua aparência de frente, de costas, dos lados, com total perfeição de minúcias? Alguém poderia dizer que Antônio





de Pádua já era um Espírito elevado e, portanto, de maiores capacidades mentais. Mas é São Luís quem sugere a inconsciência nesse processo de criação de nossa própria imagem e aparência. A questão 16 do item 128 de *O Livro dos Médiuns* (Kardec, 1996b) mostra isso:

16ª O Espírito tem sempre o **conhecimento exato do modo** por que compõe suas vestes, ou os objetos cuja aparência ele faz visível?

“**Não**; muitas vezes concorre para a formação de todas essas coisas, **praticando um ato instintivo**, que **ele próprio não compreende**, se já não estiver bastante esclarecido para isso.” (Grifos meus).

A explicação de São Luís acima é importante. Por “ato instintivo”, se deve entender um ato de pensamento pois o Espírito não possui corpo material para agir com instinto no sentido material do termo. Como Kardec diz no cap. XIV da GE, o pensamento e a vontade “*são para o Espírito o que a mão é para o homem.*” Assim, um Espírito praticar “um ato instintivo” significa praticar um pensamento, só que sem raciocínio, sem consciência de que o está tendo. Isso significa que nem sempre o Espírito *tem consciência* daquilo que está criando no FU ao seu redor. Ele o faz como um *ato instintivo*, sem ter consciência do processo. Isso justifica a afirmativa de Kardec citada no *caput* desta subseção.

Ainda nesta subseção, uma última reflexão. Alguém pode questionar que a constatação da Ciência de que existem *pensamentos inconscientes* nos encarnados significaria que, no caso de Espíritos desencarnados, *pensamentos inconscientes* nestes últimos demandariam haver neles estruturas materiais, como um cérebro espiritual, por exemplo. Porém, esse argumento não procede porque, como deixado claro na subseção II.1, segundo o Espiritismo, os atributos de inteligência, pensamento e vontade são do princípio inteligente e não do corpo físico ou mesmo do perispírito. O mesmo argumento vale para os pensamentos *conscientes* do ser. Assim como as teorias materialistas tem a “crença” de que os pensamentos *conscientes* também exigem estrutura fisiológica material, alguém no meio espírita poderia questionar que seria necessário haver estrutura fisiológica no Espírito para ele desenvolver seus pensamentos igualmente *conscientes*. Porém, esse questionamento não procede pelas razões doutrinárias já apontadas.

### III ENSAIO TEÓRICO DA MANUTENÇÃO E ESTABILIDADE DE CONSTRUÇÕES ESPIRITUAIS

Nesta seção, apresento o ensaio teórico da manutenção e estabilidade de construções espirituais com base no conteúdo da seção anterior sobre *pensamentos inconscientes*. Mostro que a proposta satisfaz *todos* os princípios da DE sobre os fluidos e suas propriedades. Mostro que é possível construir um mecanismo de ação sobre os fluidos que não somente é capaz de explicar a criação de estruturas fluídicas de grande porte, mas de explicar como elas podem se manter estáveis por tempo indeterminado.

Vimos, na subseção II.1, que mesmo sem os avanços atuais da ciência sobre os conceitos de pensamento e (in)consciente, Kardec já admitia que *pensamentos inconscientes* eram capazes de transformar o FU (Kardec, 2021, item 14, cap. XIV, GE). Vimos também, na subseção acima, II.5, que São Luís confirma que o Espírito pode atuar sobre os fluidos criando formas de modo instintivo, sem saber como.

Uma outra citação doutrinária importante diz respeito à capacidade do pensamento do Espírito desencarnado. No LE, ao perguntar aos Espíritos se seria útil o esforço por adquirir conhecimentos científicos, questão 898, Kardec obteve a seguinte resposta:

Sem dúvida. Primeiramente, isso vos põe em condições de auxiliar os vossos irmãos; depois, o vosso Espírito subirá mais depressa, se já houver progredido em inteligência. **Nos intervalos das encarnações, aprenderéis numa hora o que na Terra vos exigiria anos de aprendizado.** Nenhum conhecimento é inútil; todos mais ou menos contribuem para o progresso, porque o Espírito, para ser perfeito, tem que saber tudo, e porque, cumprindo que o progresso se efetue em todos os sentidos, todas as idéias adquiridas ajudam o desenvolvimento do Espírito. (Grifos meus).

A frase grifada na resposta acima mostra que, desencarnados, os Espíritos tem uma capacidade cognitiva *muito superior* ao do encarnado. Assim, presume-se que as propriedades de pensamento humano *consciente* ou *inconsciente* que a Ciência tem descoberto e revelado, são mais intensas e de maior alcance quando o Espírito está desencarnado.

Assim, a nossa proposta de ensaio teórico da manutenção e estabilidade de construções espirituais se baseia no *pensamento inconsciente* dos seres desencarnados em torno da situação em que estão vivendo na erraticidade. Logicamente, a qualidade desses pensamentos depende do grau de evolução de cada Espírito. Ao serem perguntados se as ideias dos Espíritos se modificam na erraticidade (questão 318 do LE), eles responderam que

Muito; sofrem grandes modificações, **à proporção que o Espírito se desmaterializa.** Pode este, **algumas vezes, permanecer longo tempo imbuído das idéias que tinha na Terra;** mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e ele vê as coisas com maior clareza. É então que procura os meios de se tornar melhor. (Grifos meus).

A afirmação destacada acima é importante para a presente análise. Via de regra, o ser humano de evolução mediana desencarna levando consigo as “*ideias que tinha na Terra*”, isto é, sua forma de pensar, de entender o mundo, seus conceitos e preconceitos, valores e sentimentos com relação a pessoas e coisas, etc. Assim, um importante ponto de partida para analisarmos como são os pensamentos da maioria das pessoas que desencarnam na Terra é analisar como são os pensamentos das pessoas encarnadas na Terra. Como elas vêem o mundo? Como raciocinam, como se acomodam às condições de



vida material, como reagem ou se protegem de mudanças repentinas, o que elas esperam encontrar no ambiente ao seu redor, no dia-a-dia, etc? Que pensamentos *conscientes* ou *inconscientes* as pessoas possuem sobre o que lhes traz segurança e prazer (*prazer* em sentido amplo, não apenas de satisfação de sensações materiais)? Vamos analisar e refletir sobre algumas situações comuns da vida.

Todo dia, ao acordar, ninguém precisa *raciocinar*, *se esforçar mentalmente*, *justificar racionalmente* onde dormiu, a localidade da sua residência, a disposição dos cômodos da mesma, bem como dos móveis presentes nela, as pessoas com quem convive, etc. Ninguém espera, ao acordar, encontrar as paredes da residência pintadas de outra cor, diferente do que estava no dia anterior, ou que os móveis tenham sido todos trocados, da noite pro dia. Ninguém espera acordar de manhã e ver seus familiares anos mais velhos ou mais novos. Imaginem a sensação de estranheza e mesmo de pânico quando alguém, por alguma doença ou acidente, perde a consciência e a recobra em um leito de hospital ou outro lugar bem diferente do habitual. Até que se inteire do que aconteceu, pensamentos e sentimentos de insegurança e preocupação estarão presentes na sua mente.

Como seria a ida à escola ou ao trabalho? Independente do meio de transporte, se próprio ou público, ninguém precisa *raciocinar*, *se esforçar mentalmente* ou *justificar racionalmente* a existência das ruas, das esquinas, do trajeto formado por avenidas e corredores, os prédios, praças, construções, etc. Imagine, por outro lado, a sensação de estranheza se no lugar de um quarteirão de prédios, encontrássemos de um dia pra outro, um parque de diversões ou uma praça arborizada com árvores enormes, de aparência centenária. A razão nos diz que seria impossível tal mudança acontecer de modo tão repentino. Mas não precisamos raciocinar sobre essa impossibilidade a cada vez que executamos um trajeto de ida ou volta da escola ou do trabalho. Como dito, não precisamos *raciocinar*, *esforçar mentalmente* ou *justificar racionalmente* as construções e localidades que sabemos pertencerem ao trajeto. Antes de virar uma esquina, de um trajeto que realizamos periodicamente, sabemos que existe uma praça, ou prédio, ou loja, etc. e não precisamos fazer nenhum esforço mental para registrar ou crer que ela está lá. Ocorre bem ao contrário quando uma mudança ocorre. Por exemplo, suponha que um prédio que sempre vemos no nosso trajeto cotidiano é demolido ou uma de suas paredes recebe pintura nova. Haverá um novo registro consciente das imagens da ausência do prédio e/ou dos destroços, ou da pintura e cores novas do mesmo. Nos dias seguintes, não haverá sentimento de surpresa ao (re)ver a ausência do prédio demolido ou a parede pintada.

Suponha que nós vamos sair para jantar com amigos em um restaurante que nunca frequentamos antes. Chegando ao restaurante, escolhemos uma mesa e sentamos nas cadeiras em torno dela. Registramos pela visão,

olfato e tato, a cor, o tamanho e a textura da mesa e cadeiras, bem como o pano que a cobre. Registramos pelo olhar outros detalhes como o tamanho do ambiente, as janelas, a presença enfeites, cor das paredes, etc. Passados os primeiros minutos, não mais focamos a atenção nos detalhes do local. Ele se tornou familiar. Sabemos que a matéria densa é estável, e salvo situações extremas como terremotos ou enchentes, ninguém se preocupa das paredes caírem, do telhado se desfazer, da mesa simplesmente desaparecer, etc. Mais que isso, ninguém mais se preocupa em conferir a cor do pano da mesa, sua altura, etc. Nos acostumamos, como encarnados, a aceitar a estabilidade das formas e demais propriedades da matéria. O jantar ocorre, então, normalmente sem que nos preocupemos com alguma mudança nas construções e objetos rígidos do restaurante. Note que isso é um exemplo que ilustra o que os Espíritos disseram na resposta à questão 318 do LE. A estabilidade da matéria densa nos *faz pensar* que a matéria do mundo espiritual seja similar. Enquanto tivermos *apego* a esse pensamento, tenderemos a interpretar tudo aquilo que percebermos no mundo espiritual, como se as propriedades fossem similares a das coisas materiais. E, *ao pensar assim*, mesmo que *intuitivamente*, contribuímos para estabilizar a forma dos fluidos ao nosso redor. Voltarei a este exemplo/ponto adiante.

Segundo os cientistas da Psicologia e Neurociência, os *pensamentos inconscientes* são muito poderosos e mais intensos do que os *pensamentos conscientes*. Vide a questão sobre a *convicção* mencionada na seção anterior. Nas palavras de Caropreso (2003), Freud “*propõe que os fenômenos conscientes sejam paralelos a uma parte dos processos nervosos, aqueles que constituiriam o psíquico inconsciente e, conseqüentemente, que toda representação consiste num processo cortical totalmente independente da consciência.*” Como os *pensamentos inconscientes* predominam no ser, eles chegam a ser tão ou mais importantes que os *pensamentos conscientes*. Isso é exatamente o que Dijksterhuis & Nordgren (2006) afirmam na teoria dos *pensamentos inconscientes* que eles propuseram. Eles argumentam essa afirmação com base nos seguintes fatos. Nas palavras deles<sup>13</sup>:

Por exemplo, se você lê, você processa algo em torno de 45 *bits* por segundo, que corresponde a uma sentença curta. (...) O sistema visual sozinho é capaz de processar algo em torno de 10 milhões de *bits* por segundo.

Ou seja, sistemas neurológicos inconscientes tem capacidade de processar muito mais informação (a palavra “*bit*” significa uma unidade básica de informação) do que o raciocínio ou o *pensamento consciente*. Talvez por isso, os argumentos de Malta (2014) em favor da existência de colônias espirituais, não tenham conseguido atender os critérios da razão. Malta baseou a criação das cidades espirituais no processo *consciente* argumentando sem fundamento doutrinário que esse tipo de pensamento seria permanente, enquanto que relegou ao *inconsciente* o

<sup>13</sup> No original em inglês: “*For example, if you read, you process about 45 bits per second, which corresponds to a fairly short sentence. (...). The visual system alone processes about 10 million bits per second*” (Dijksterhuis & Nordgren, 2006).



caráter fugidio e efêmero das criações fluídicas. Embora bem intencionada, essa argumentação carece de base doutrinária (não há na teoria espírita nenhuma afirmação sobre criações fluídicas especiais que perdurem por tempo indeterminado na ausência da atuação do pensamento criador) nem base científica sobre a intensidade dos tipos de pensamento, como está sendo feito aqui.

Voltemos ao exemplo da mesa de jantar no restaurante. Suponha que desencarnamos recentemente, e somos levados por um grupo de Espíritos amigos para uma reunião, para conversar. Um desses Espíritos amigos cria um ambiente familiar a nós, como uma sala com uma mesa grande com várias cadeiras ao redor. Espíritos não precisam se sentar a uma mesa, pois não precisam de coisas materiais. Mas como nós ainda somos apegados à maneira material de pensar, essa pode ser uma forma de nos acolher com uma imagem que nos é familiar. Ao entrarmos nesse “ambiente” fluídico, devido a nossa forma de pensar material, naturalmente nos impelimos nós mesmos a nos sentarmos em uma das cadeiras. Nós registramos pelo perispírito a forma, o tamanho, a cor da mesa. E, assim como fazíamos nas nossas reuniões materiais quando encarnados, nós simplesmente não ficamos registrando o tempo todo a mesa, sua forma e cor. Para nós que somos ainda apegados à forma material de interpretar o que nos chega pelos sentidos, a mesa é algo similar a uma mesa material<sup>14</sup>, e por isso pensamos que ela é estável e permanecerá com a mesma forma, cor, tamanho, etc. Esse pensamento, intuitivo ou inconsciente, que formulamos, é capaz de atuar sobre o FU ao redor e manter a mesa na mesma forma, cor, tamanho, etc. Isto é, não haverá necessidade de um outro Espírito ficar com o compromisso de manter o pensamento concentrado o tempo todo, conscientemente, na manutenção da mesma forma, cor, tamanho, etc. da mesa. Imagine que ao invés de estarmos sozinhos, estivermos em um grupo de Espíritos recém desencarnados, a serem acolhidos em uma reunião com Espíritos amigos. Serão vários ao invés de um só, a manter o pensamento de estabilidade da referida mesa.

Vamos transpor todos esses raciocínios para analisar de outra forma a situação de um Espírito de evolução mediana recém desencarnado. Suponha que esse Espírito tenha um mínimo de equilíbrio mental a ponto de registrar conscientemente as percepções que lhe chegam. Suponha também que ele seja levado a uma região que lhe pareça uma cidade espiritual. A criação das construções que sugerem a ideia de cidade espiritual não está em questionamento. Espíritos evoluídos tem capacidade de mentalizar e construir, conscientemente, uma estrutura de prédios fluídicos, com detalhes de cores, formas e demais aparências. O que está em questionamento é se esses Espíritos elevados precisam manter-se concentrados o tempo todo para manter tais criações fluídicas. Esse Espírito recém desencarnado é levado, então, à “cidade”<sup>15</sup>. Assim como

uma pessoa que visita a casa nova de um amigo pela primeira vez, o Espírito recém desencarnado irá registrar na sua consciência a forma, cores e disposições de prédios e ruas da “cidade” fluídica. Naturalmente, vai achar algum detalhe mais bonito, ou muito grande, ou muito pequeno, ou mais feio, etc. e vai gerar em seu íntimo sentimentos de apreço ou desgosto por este ou aquele detalhe, assim como fazemos quando encarnados com as coisas que vemos nos ambientes. Eventualmente, o Espírito será levado a um prédio em particular, onde permanecerá até que todo o período de perturbação espiritual se complete (questões 163 em diante do LE). Ressalto que estamos analisando as impressões, sentimentos e pensamentos de um Espírito de evolução mediana, que não tem conhecimento profundo da vida espiritual e todas as potencialidades da alma. Repetindo comentário já feito anteriormente, por ser ainda de evolução mediana, traz consigo conforme mencionado na questão 318 do LE, seus modos de pensar a vida, suas concepções sobre a natureza, sua maneira de entender como as coisas acontecem, suas crenças, seus pensamentos, sentimentos, preconceitos, valores, medos e receios. Assim como nossa mente de encarnados se comporta quando mudamos de cidade, esse Espírito recém desencarnado, de evolução mediana, irá registrar a nova moradia de forma ainda bem similar ao que faria quando encarnado. Na medida em que sentir-se seguro, prazeroso no sentido freudiano, ele formará uma memória do local, da sua forma, cores, tamanhos, etc. E, nos momentos seguintes, não terá que *raciocinar, se esforçar mentalmente* ou *justificar racionalmente* a existência dessas estruturas fluídicas que o acolhem. Ele as terá nos seus *pensamentos inconscientes* (ou instintivos). Se o Espírito recém desencarnado, focar sua atenção em uma conversa com um dos seus Espíritos amigos, após retornar aos seus pensamentos próprios, não precisará *raciocinar, se esforçar mentalmente* ou *justificar racionalmente* que está num recinto de proporções conhecidas, de paredes com determinada cor, que eventualmente está acomodado em “algo” que lembra um leito ou uma cadeira, etc. Os *pensamentos inconscientes* de *prazer*, bem estar, bem como sua maneira de sentir *segurança* por saber que está em um lugar bom e seguro (lembrando que a forma de pensar ainda é similar à de quando estava encarnado, o que inclui saber das formas das estruturas que o acolhem) o farão pensar quase que instintivamente na mesma forma das construções ao seu redor. Esses pensamentos, somados aos dos demais Espíritos presentes àquela edificação fluídica, contribuirão para mantê-la estável. Quanto mais familiar for para os Espíritos a edificação fluídica onde residem ou permanecem, mais automatizado será o *pensamento inconsciente* de se crer em uma edificação com estabilidade similar às edificações do mundo material. Lembrando a afirmação do neurocientista Anil Seth “*o cérebro está continuamente gerando*

<sup>14</sup> Lembremos do que Kardec disse no item 3 do cap. XIV de *A Gênese*: “*Tudo sendo relativo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que para nós são as substâncias do mundo terrestre.*”

<sup>15</sup> As aspas servem para frisar que o conjunto de construções fluídicas pode não representar uma cidade no sentido do primeiro impasse mencionado na Introdução deste artigo.



*previsões sobre o que nos cerca*”, e interpretando isso em termos espíritas, inferimos que é a mente do Espírito é que está continuamente criando imagens do mundo que nos cerca com base nas estruturas de *prazer* e evitamento do *desprazer* como Freud identificou, mas com amplitude maior nos seus significados.

Com o tempo, esse Espírito deixa de ser *recém* desencarnado, mas dependendo do seu maior ou menor apego às coisas materiais, por ainda ser de evolução mediana, ele permanecerá maior ou menor tempo com *pensamentos inconscientes* de segurança similares ao que tinha quando encarnado. É natural, portanto, que Espíritos assim ainda se sintam bem, seguros e prazerosos na sensação de que a cidade em que vive no mundo espiritual possui estabilidade similar à do mundo material em que viveu suas últimas encarnações. Porém, quando esses Espíritos evoluírem e se desapegarem da matéria, irão naturalmente sentir necessidade de mudar de “residência” espiritual, passando a prescindir de aspectos de forma, em preferência aos aspectos de afinidade e sentimentos mais elevados junto a Espíritos afins. Nesse aspecto, é digno de nota lembrar que a própria obra *Nosso Lar* afirma que essa cidade espiritual não é um lugar de Espíritos elevados:

“Nosso Lar” não é estância de espíritos propriamente vitoriosos, se conferirmos ao termo sua razoável aceção. (Xavier, 2003, cap. 5, uma fala de Lísias).

Ou seja, os habitantes de *Nosso Lar* são Espíritos ainda com certo grau de apego à matéria, à forma de pensar o mundo similar ao dos encarnados com relação à matéria.

Assim, considerando que a capacidade de *pensamento inconsciente* do ser humano é real e intensa, que a busca de *segurança* faz o ser pensar, mesmo inconscientemente, em estruturas conhecidas, que o *pensamento inconsciente* é capaz de criar imagens do mundo ao redor, proponho que a manutenção e estabilidade de colônias, cidades e outras construções fluídicas de grande porte ocorra por meio da ação dos *pensamentos inconscientes* dos próprios “moradores” da cidade. Não é necessário existir grupo de Espíritos com obrigação de manter concentração fixa na forma da cidade espiritual. Seus habitantes, por ainda sentirem, pensarem e raciocinarem as coisas como faziam quando encarnados, mantêm pensamentos com estruturas similares a do mundo material. Mesmo esses habitantes sendo individualidades com experiências de vida distintas, os pensamentos em comum como, por exemplo, o alívio, a segurança e a tranquilidade quando adentram um hospital estando doentes ou acidentados, o deslumbramento perante a visão de construções ou jardins, etc. contribuem para a manutenção da parte que é sentida em comum pelos habitantes daquelas construções espirituais.

Naturalmente, isso não impede que esses habitantes desenvolvam pensamentos mais elevados e quando atingem certo grau de desapego material, naturalmente se mudam para outras regiões espirituais, onde continuarão seu progresso. Mas enquanto permanecerem com a necessidade de se sentirem acolhidos, abrigados e amparados **de forma similar como assim se sentiam quando**

**encarnados**, os Espíritos irão manter, sem precisar raciocinar, os ambientes que encontraram, perceberam e lhe apazaram ou que minimizaram sua insegurança e desprazer. No item 129 de *O Livro dos Médiuns*, Kardec (1996b) apresenta exatamente essa ideia ao esclarecer que:

... o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes **a exerce de modo instintivo**, quando necessário, **sem disso se aperceber**. Os objetos que o Espírito forma, têm existência temporária, subordinada à sua vontade, **ou a uma necessidade que ele experimenta**. (Grifos meus).

Na citação acima percebemos que Kardec, mais uma vez, deixa claro que a atuação do Espírito sobre os fluidos espirituais pode ocorrer de modo inconsciente. Note que fazer algo sem “*se aperceber*” é fazer algo **sem ter consciência** de que o fez ou está fazendo. Note, também, que no final da sentença acima, Kardec apresenta duas opções para a existência dos objetos que o Espírito forma: ela está subordinada à sua vontade (isto é, se o Espírito tem consciência do objeto criado) ou “*a uma necessidade que ele experimenta*”, que pode ser algo consciente ou inconsciente. Portanto, como já argumentado anteriormente, a necessidade de sentir segurança e/ou evitar desprazeres, leva o Espírito a formar pensamentos e desejos íntimos que visam protegê-lo de sofrimentos. São *pensamentos inconscientes* que o Espírito tem e que revelam “*a necessidade que ele experimenta*” em dado instante. Por que será que muitos Espíritos atendidos pelo diálogo fraterno em reuniões mediúnicas, ao ouvir-nos chamando-os, nos pedem silêncio porque encontraram um “lugar escondido” de outros Espíritos que querem lhe fazer mal? Por que esses Espíritos sofredores não percebem diretamente a presença dos bons Espíritos que desejam auxiliá-los? As razões podem ser encontradas, também, nesse fundamento de natureza psicológica de buscar, a todo custo, se sentirem protegidos. Nisso, eles criam para si, ambientes fechados, escondidos, e os realimentam pois lhes conferem segurança relativa.

Outro exemplo. Como os bons Espíritos percebem que Espíritos endurecidos começam a se arrepender ou se entediar do mal que fazem? Não é por pensamentos conscientes porque nos diálogos que realizamos com eles em reuniões mediúnicas, percebe-se quase sempre que eles teimam e insistem na ideia do mal que realizam. Mas, ainda que fracos, esses sentimentos/pensamentos de arrependimento ou tédio são percebidos pelos bons Espíritos justamente porque eles, os pensamentos, são capazes de modificar o FU ao redor do Espírito endurecido. Em outras palavras, são *pensamentos inconscientes*, mas capazes de atuar sobre os fluidos. Espíritos ainda apegados à matéria, tem necessidade de se sentirem acolhidos, abri-



gados, protegidos de forma bem similar à que ocorria no mundo material.

## IV CONCLUSÕES

Nesse artigo, apresentei um ensaio teórico (uma teoria) para explicar os mecanismos de manutenção e estabilidade de construções fluídicas de grande porte baseado na existência de *pensamentos inconscientes* do ser. A proposta teórica aqui apresentada se baseia nos avanços do último século em torno do funcionamento do pensamento humano. A Ciência tem descoberto a capacidade do ser humano de realizar *pensamentos inconscientes*, sejam para desenvolver entendimento de questões complexas, estejam na raiz de diversas patologias psicológicas, ou serem capazes de criar imagens de nós mesmos e do mundo que nos cerca. Esse conceito permite entender um mecanismo através do qual uma construção fluídica percebida em comum por vários Espíritos desencarnados pode se manter estável por longos períodos através da ação dos seus pensamentos, mesmo os inconscientes. Mostrei, também, que essa proposta é coerente com a teoria contida na DE.

Essa análise, entretanto, não permite associar certas aparências com funções. Isso se refere ao impasse em torno do conceito de “cidades” ou “ambientes urbanos”. Por exemplo, uma construção fluídica pode até possuir um cômodo com aparência de banheiro. Mas isso não implica que o Espírito tenha necessidades fisiológicas. Veja, por exemplo, o que Kardec afirmou em seu artigo “Quadro da Vida Espírita” na *Revista Espírita* de 1859:

O envoltório semimaterial do Espírito constitui uma espécie de corpo de forma definida, limitada e análoga à nossa. Mas esse corpo **não tem os nossos órgãos** e não pode sentir todas as nossas impressões. (Grifos meus).

Isto é, Espírito desencarnado não precisa de banheiro porque não tem mais órgãos excretores. Embora possa haver Espíritos ainda muito apegados ao prazer material da gula, por exemplo, a ponto de desejarem sentir-se ingerindo e saboreando alimentos, pode haver criação mental de fluidos com forma de comida, e o Espírito ao ingeri-la pode ter lembranças dos sabores e se comprazer com isso. Mas, nunca haverá fenômeno de percepção *do paladar* ou *digestão* como ocorre com o alimento material. Outro exemplo: Espíritos não engravidam e gestam outros Espíritos no mundo espiritual, etc. A presente análise não suporta ou justifica essas coisas.

A presente proposta também não justifica a adoção de conceitos de natureza humana nas estruturas administrativas ou políticas do que quer que venha a ser uma cidade espiritual. Ela também não fundamenta nenhum aspecto particular das relações sociais entre os Espíritos. Os laços que os atraem e unem são de natureza moral e isso não depende das construções. No máximo, e para Espíritos ainda muito apegados à matéria, as construções funcionarão como recurso de amparo à segurança psicológica do Espírito que tem pouco conhecimento da vida espiritual. Exemplos desse tipo de necessidade encontramos

nas reuniões mediúnicas quando, por exemplo, um Espírito recém desencarnado mas que ainda não sabe do seu estado, se sente mais seguro e confortado quando um outro Espírito, da equipe espiritual, se apresenta com aparência similar a que os encarnados utilizam como, por exemplo, uma túnica típica de sacerdotes de determinada igreja conhecida do desencarnante; ou ainda quando os bons Espíritos mostram o ambiente com aparência de um hospital, igreja, escola, biblioteca ou jardim nos quais o Espírito ainda apegado à matéria se sente seguro a adentrar e receber, portanto, a ajuda de que precisa. Nesses casos apenas, a aparência da construção fluídica é útil ao processo de socialização e reencontro de Espíritos ainda apegados à matéria, confusos ainda devido à perturbação pós-desencarnação, ou que estão traumatizados por acontecimentos relacionados à sua morte corporal.

O que a presente análise faz é preencher a lacuna da razão sobre a questão da manutenção e estabilidade de estruturas fluídicas de grande porte sem a necessidade de Espíritos evoluídos precisarem pensar nela consciente e constantemente. A diferença entre a presente proposta e opiniões de que Espíritos superiores são mais capazes do que inferiores a produzirem criações fluídicas permanentes é que ela não exigiu que se admita nenhuma hipótese *não contida* na Doutrina Espírita. Não tenho ciência da existência na teoria espírita, de nenhuma informação sobre Espíritos superiores serem mais capazes de produzirem criações fluídicas *permanentes* ou *duradouras* que Espíritos inferiores. A presente proposta se baseia na constatação científica de que no ser humano existem *pensamentos inconscientes* e na fundamentação espírita que afirma que os atributos psíquicos se situam no princípio inteligente. Nisso, a presente proposta apresenta uma solução ao problema da criação e manutenção de grandes construções fluídicas *sem contradizer ou extrapolar* nenhum fundamento da Doutrina Espírita. Outras hipóteses, a favor ou contra a existência das construções ou mesmo colônias espirituais, devem satisfazer critérios da razão. Em particular, por coerência com o espiritismo, devem concordar com os fundamentos da Doutrina Espírita e com os conceitos e descobertas da Ciência. Espero que esse ensaio teórico estimule especialistas da área de estudos do pensamento humano a pesquisarem melhor sejam as causas, sejam os efeitos dos *pensamentos inconscientes* da alma.

## REFERÊNCIAS

- ABADIE, M., WAROQUIER, L. and TERRIER, P. 2013. “Gist Memory in the Unconscious-Thought Effect”, *Psychological Science* **24**, 1253. DOI: [10.1177/0956797612470958](https://doi.org/10.1177/0956797612470958).
- ALEIXO, S. 2010. “O ESPAÇO E OS MUNDOS; NÃO, COLÔNIAS ESPIRITUAIS”, *blog Um olhar Espírita*. Link de acesso: <http://umolharespirita1.blogspot.com/2013/05/espaco-e-os-mundos-nao-colonias.html>, acessado em 20-02-2023.
- AUGUSTO, R. 2023. “Two Kinds of Process or Two Kinds of Processing? Disambiguating Dual-Process Theories”, *Review of Philosophy and Psychology*, *in press*. DOI: [10.1007/s13164-023-00673-1](https://doi.org/10.1007/s13164-023-00673-1).
- BARATTO, G. A. 2009. “Descoberta do inconsciente e o percurso



- histórico de sua elaboração”, *Psicol. Cienc. Prof.* **29**, 74. DOI: [10.1590/S1414-98932009000100007](https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100007).
- BASTONE, E. C. 2003. “A Física no Espiritismo”, trabalho apresentado no VIII Simpósio Brasileiro de Pensamento Espírita, ocorrido de 17 a 19.10.2003 em Santos-SP.
- BASTOS, M. A. V., BASTOS, P. R. H. O., E PAEZ, L. E. F., DE SOUZA, E. O., BOGO, D., PERDOMO, R. T., PORTELLA, R. B., OZAKI, J. G. O., IANDOLI JR., D. and LUCHHETTI, G. 2013. ““Seat of the soul”? The structure and function of the pineal gland in women with alleged spirit possession—Results of two experimental studies”, *Brain Behav.* **10**, e01693. DOI: [10.1002/brb3.1693](https://doi.org/10.1002/brb3.1693).
- BURGARELLI, C. G., AND SANTOS, D. P. 2018. “Inconsciente, linguagem e pensamento”, *Estilos Da Clínica* **23**, 655 DOI: [10.11606/issn.1981-1624.v23i3p655-669](https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i3p655-669).
- BURTON, R. A. 2018. *Sobre Ter Certeza, Como a neurociência explica a convicção*, tradução Marcelo Barbão. Editora Blucher, São Paulo, SP.
- CAROPRESO, F. 2003. “As origens do conceito de inconsciente psíquico na teoria freudiana”, *Nat. hum.* **5**, 329. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=51517-24302003000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=51517-24302003000200002&lng=pt&nrm=iso), acessado em 21-02-2023.
- COOKE, E. 2023. “How I wrote a popular science book about consciousness – and why”, *Nature CAREER Q&A* section, 23 February 2023. DOI: [10.1038/d41586-023-00541-z](https://doi.org/10.1038/d41586-023-00541-z).
- DA FONSECA, A. F. 2016. “Explicando conceitos espíritas em *Mecanismos da Mediunidade* parte I: analogia com raios gama”, *Jornal de Estudos Espíritas* **4**, 010201. DOI: [10.22568/jee.v4.artn.010201](https://doi.org/10.22568/jee.v4.artn.010201).
- . 2017. “Explicando conceitos espíritas em *Mecanismos da Mediunidade* parte II: analogia com circuitos elétricos”, *Jornal de Estudos Espíritas* **5**, 010202. DOI: [10.22568/jee.v5.artn.010202](https://doi.org/10.22568/jee.v5.artn.010202).
- . 2022. “Mecanismos da Mediunidade: Um Paralelo entre André Luiz e Kardec”, p. 45, em: *160 anos de O Livro dos Médiuns*, org.: M. A. F. Milani Filho, 1ª edição, Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho Monteiro (CCDPE-ECM), São Paulo, SP. 2022.
- . 2023. “Fluidos, Perispírito e as manifestações Espirituais”, *Jornal de Estudos Espíritas* **11**, 010202. DOI: [10.22568/jee.v11.artn.010202](https://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010202).
- DE PAULA, A. e DA FONSECA, A. F. 2022. “Coerência Doutrinária no Cap. 12 de *Nos Domínios da Mediunidade*”, p. 169, em: *Coerência Doutrinária na Pesquisa Espírita*, org.: A. F. Da Fonseca, 1ª edição, Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho Monteiro (CCDPE-ECM), São Paulo, SP. 2022.
- DESCARTES, R. 1970. *Meditationes de Prima Philosophia / Méditations Métaphysiques*. (Texte latin, 1644, et traduction du Duc de Luynes, 1647.) G. Rodis-Lewis (ed.), Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1970. Electronic editions of the Latin and French originals, as well as of translations in several other languages are freely available on the internet. For a commented English translation, see, for instance, <https://www.earlymoderntexts.com/assets/pdfs/descartes1641.pdf>. Acessado em 10/06/2023.
- DIENES, Z., and SETH, A. “Conscious and Unconscious Mental States. Oxford Research”, *Encyclopedia of Psychology*. DOI: [10.1093/acrefore/9780190236557.013.804](https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.804). Uma versão aberta deste trabalho pode ser encontrada em [10.31219/osf.io/mzx6t](https://doi.org/10.31219/osf.io/mzx6t).
- DIJKSTERHUIS, A. 2004. “Think Different: The Merits of Unconscious Thought in Preference Development and Decision Making”, *Journal of Personality and Social Psychology* **87**, 586. DOI: [10.1037/0022-3514.87.5.586](https://doi.org/10.1037/0022-3514.87.5.586).
- DIJKSTERHUIS, A., and NORDGREN, L. F. 2006. “A Theory of Unconscious Thought”, *Perspectives on Psychological Science*, **1**, 95. DOI: [10.1111/j.1745-6916.2006.00007.x](https://doi.org/10.1111/j.1745-6916.2006.00007.x).
- GONZÁLES-VALLEJO, C., LASSITER, G. D., BELLEZA, F. S. and LINDBERG, M. J. 2008. ““Save Angels Perhaps”: A Critical Examination of Unconscious Thought Theory and the Deliberation-Without-Attention Effect”, *Review of General Psychology* **12**, 282. DOI: [10.1037/a0013134](https://doi.org/10.1037/a0013134).
- HENDRIX, J. S. 2022. “THE PHILOSOPHICAL UNCONSCIOUS”, *Verstigia* **3**, 98. Disponível em: <https://inppjournal.org.uk/wp-content/uploads/2023/01/JohnShannon.Hendrix-Verstigia-V32.pdf>, acessado em 21-02-2023.
- HUIZENGA, H. M., WETZELS, R., VAN RAVENZWAALJ, D. AND WAGENMAKERS, E. -J. 2012. “Four empirical tests of Unconscious Thought Theory”, *Organizational Behavior and Human Decision Processes* **117**, 332. DOI: [10.1016/j.obhdp.2011.11.010](https://doi.org/10.1016/j.obhdp.2011.11.010).
- KARDEC, A. 1859. “Quadro da Vida Espírita”, *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos* **abril**, p. 131. Edição FEB, tradução de Evandro N. Bezerra.
- . 1866. “Os Tempos são Chegados”, *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos* **outubro**, p. 385. Edição FEB, tradução de Evandro N. Bezerra.
- . 1868. “Comentários Sobre os Messias do Espiritismo”, *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos* **março**, p. 103. Edição FEB, tradução de Evandro N. Bezerra.
- . 1995. *O Livro dos Espíritos*. Editora FEB, 76ª Edição, Rio de Janeiro, RJ.
- . 1996a. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Ed. FEB, 112ª Edição, Rio de Janeiro, RJ.
- . 1996b. *O Livro dos Médiuns*. Editora FEB, 96ª Edição, Rio de Janeiro, RJ.
- . 2000. *O Céu e o Inferno*. Editora FEB, 45ª edição, Rio de Janeiro, RJ.
- . 2021. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. USE. Kindle Edition.
- LAPORTE, A. e DA FONSECA, A. F. 2019. “Os centros de força não são conceitos espíritas”, *Jornal de Estudos Espíritas* **7**, 010201. DOI: [10.22568/jee.v7.artn.010201](https://doi.org/10.22568/jee.v7.artn.010201).
- LENCIONI, S. 2009. “OBSERVAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE CIDADE E URBANO”, *GEOSP Espaço e Tempo* **12**, 109-123, 2008. DOI: [10.11606/issn.2179-0892.geosp.2008.74098](https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2008.74098).
- LENHARO, M. 2023. “Decades-long bet on consciousness ends – and it’s philosopher 1, neuroscientist 0”, *Nature, News*, 24 June 2023. DOI: [10.1038/d41586-023-02120-8](https://doi.org/10.1038/d41586-023-02120-8).
- LI, J., ZHU, Y. and YANG, Y. 2014. “The Merits of Unconscious Thought in Rule Detection”, *PLoS ONE* **9**, e106557. DOI: [10.1371/journal.pone.0106557](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0106557).
- LI, J., GUO, H., SUN, L. and WANG, F. “Unconscious thoughts tend to categorize information based on thematic relations”, *Curr Psychol*, in press. DOI: [10.1007/s12144-022-03431-1](https://doi.org/10.1007/s12144-022-03431-1).
- LOCKE, J. 1975. *An Essay concerning Human Understanding*. P. H. Nidditch (ed.) Oxford, Clarendon Press, 1975. For one of the many internet sources of Locke’s works, visit, for instance: <https://socialsciences.mcmaster.ca/econ/ugcm/3ll3/locke/Essay.htm>. Acessado em 10/06/2023.
- LUCCHETTI G., DAHER J., IANDOLI D., GONÇALVES J., LUCCHETTI A. 2013. “Historical and cultural aspects of the pineal gland: comparison between the theories provided by Spiritism in the 1940s and the current scientific evidence”, *Neuro Endocrinol. Lett.* **34**, 745.
- MALTA, R. S. 2014. “Colônias Espirituais: Análise Doutrinária”, artigo na *internet*, acesso através deste [link](#). Acessado em 20-02-2023.



- MILANI FILHO, M. A. F. 2022. “Coerência doutrinária espírita: limites e desafios”, p. 21, em *Coerência doutrinária na pesquisa espírita* (Série Pesquisas brasileiras sobre o espiritismo), org. A. F. Da Fonseca, 1ª edição, Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho Monteiro (CCDPE-ECM), São Paulo, SP. 2022.
- NETO SOBRINHO, P. S. 2015. *As Colônias Espirituais: e a Codificação*. Ethos Editora. Divinópolis, MG.
- SETH, A. K. and BAYNE, T. “Theories of consciousness”, *Nat. Rev. Neurosci.* **23**, 439. DOI: [10.1038/s41583-022-00587-4](https://doi.org/10.1038/s41583-022-00587-4).
- TU, S., JOU, J., ZHAO, G. and JIANG, J. 2021. “Editorial: The Depth and Complexity of Unconscious Processing”, *Front. Hum. Neurosci.*, **15**, 791589. DOI: [10.3389/fnhum.2021.791589](https://doi.org/10.3389/fnhum.2021.791589).
- VASCONCELOS, P. A. 2015. “AS METAMORFOSES DO CONCEITO DE CIDADE”, *Mercator* **14**, 17-23. DOI: [10.4215/RM2015.1404.0002](https://doi.org/10.4215/RM2015.1404.0002).
- VIDAL, F. C. M. 2014. “Em torno do Nosso Lar: uma análise das controvérsias produzidas no movimento espírita”. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Link de acesso: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4247>, acessado em 20-02-2023.
- WIKIPEDIA, 2023a. “Thought”, link: <https://en.wikipedia.org/wiki/Thought>. Acessado em 10-06-2023.
- WIKIPEDIA, 2023b. “Unconscious mind”, link: [https://en.wikipedia.org/wiki/Unconscious\\_mind](https://en.wikipedia.org/wiki/Unconscious_mind). Acessado em 10-06-2023.
- WOOLLEY, A., KOSTOPOULOU, O. and DELANEY, B. C. 2016. “Can Medical Diagnosis Benefit from “Unconscious Thought”?”, *Medical Decision Making* **36**, 541. DOI: [10.1177/0272989X15581352](https://doi.org/10.1177/0272989X15581352).
- XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. 1989. *Evolução em Dois Mundos*, pelo Espírito de André Luiz, FEB, 11ª edição, Rio de Janeiro, RJ.
- . 1990. *Mecanismos da Mediunidade*, pelo Espírito de André Luiz, FEB, 11ª edição, Rio de Janeiro, RJ.
- XAVIER, F. C. 1991. *E A Vida Continua*. Pelo Espírito de André Luiz, 18ª Edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ.
- . 1993. *Nos Domínios da Mediunidade*, pelo Espírito André Luiz, Editora FEB, 21ª Edição, Rio de Janeiro, RJ.
- . 2003. *Nosso Lar*. Pelo Espírito de André Luiz, 1ª Edição especial, FEB, Rio de Janeiro, RJ.

---

## TITLE AND ABSTRACT IN ENGLISH

### An essay on the stability of large spiritual buildings

---

**Abstract:** There is in the current spiritist movement, an important controversy regarding the existence, maintenance and stability of colonies or spiritual cities. The growing stimulus in recent decades to the study of the fundamentals of the Spiritist Doctrine (SD) has encouraged the exercise of reasoned faith, that is, the verification of the coherence between the concepts of the SD and/or scientific knowledge with spiritist studies and practices, including new and old mediumistic dictations. There are two impasses to the complete acceptance of the existence of spirit cities or, at least, of the model of spirit cities presented in well-known mediumistic works. One concerns the concept of “city” and “urban environment”. A “city” is not just an agglomeration of people, houses and buildings. The differences between the natures of incarnate and discarnate lives provide for different concepts for the social organization of incarnate and discarnate. The other impasse involves the question of the brevity of fluidically created objects. According to the SD, just as they are easily created by the action of the thought and will of the Spirits, fluidic objects easily fall apart when they stop being thought of. This article sets out to address the second impasse. It presents a theoretical essay that explains, in a manner consistent with the Doctrine and based on recent findings of Psychology and Neuroscience on unconscious mental activities, the temporal stability of fluidic structures as complex as buildings and constructions similar to those described in mediumistic works. Although the present work reconciles the stability of spiritual constructions with the properties of spiritual fluids described by the Spiritist Doctrine, it does not provide support for functional interpretations of these constructions such as, for example, fluidic houses to shelter Spirits from the weather, beds and furniture necessary for the rest or leisure of Spirits, automobiles for the locomotion of Spirits, gardens with biological activity similar to that of material plants, fluidic food similar to material ones, etc. These and other items are part of the first impasse that must be studied and deepened separately to determine with total coherence with the SD and Science, the validity of the mediumistic descriptions of the spiritual cities.

**Keywords:** Spiritual buildings; fluidic creation; unconscious thought; action of thought and will on fluids.

---